

CLIPPING IMPRESSO

05/04/2020



INDICE

1. JORNAL O IMPARCIAL	
1.1. JUÍZES.....	1
2. JORNAL PEQUENO	
2.1. ASSESSORIA.....	2
2.2. INSTITUCIONAL.....	3

Um mundo além de mim

OSMAR GOMES DOS SANTOS

Juiz de Direito da Comarca da Iha de São Luís. Membro das Academias Ludovicense de Letras; Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras

Os dias de quarentena em razão do novo Coronavírus tem alterado substancialmente a vida de bilhões de pessoas em todo o mundo. Dentre as atividades as quais me dedico durante o isolamento, além do trabalho remoto, a leitura e a reflexão tem sido as mais exercitadas.

Muito se fala em pregar a união para promoção de ações conjuntas, embora ainda existam aqueles que têm dado maus exemplos. O isolamento foi visto como mecanismo de inibição da propagação da doença, mas revelou o grau de dependência que temos uns dos outros.

A frenética rotina diária nos passa a falsa sensação de que somos autossuficientes em nossas necessidades. Uma concepção que construímos culturalmente, repassada de geração em geração.

Crencemos, completamos 18 anos, arrumamos trabalho, formamos, saímos de casa e conquistamos nossa “independência”. Esse é o roteiro seguido por milhões de pessoas todos os anos, em diversas nações sobre o globo.

Acordo cedo, começo a labuta diária, completo as semanas e ao fim do mês recebo meu salário a duras penas conquistado. Nada poderia refletir melhor o conceito de independência, não é mesmo?

Se preciso de um atendimento médico, busco um pronto socorro; preciso realizar uma obra, então compro os itens necessários e mando executar o projeto; necessito de um alimento, desloco-me até um comércio para adquiri-lo.

Acordo sempre cedo e ao sair para comprar meu pão, deparo-me com a grama do jardim devidamente aparada e as plantas e flores bem cuidadas; vou até a caixa de cartas e recolho as correspondências. Tudo normal.

Sigo até a garagem e pego meu carro, sempre limpinho e bem cuidado. Ao me deslocar para o trabalho, verifico o baixo nível de combustível. Ora, dinheiro não é problema, pois trabalho e sou autossuficiente. Lanço a mão no bolso e retiro algumas notas. Encha o tanque!

Inicia uma movimentação estranha do frentista com dois homens, mas rapidamente chega uma viatura. Ao que percebi, acabaram de evitar um assalto. Tudo normal. Passado o susto, dirijo-me para o trabalho e completo minha pesada jornada. Passo no mercado e compro uma cervejinha. Ah, ninguém é de ferro e afinal, eu mereço!

Ao chegar em casa, percebo que a mesma está devidamente arrumada, um tanto diferente do que deixei. Na cozinha, certifico-me de que a comida, ainda aquecida, fora preparada como solicitei. Ao guardar aquela cerveja, vejo um recado da minha diarista, preso em um imã de geladeira, que me pôs a refletir sobre tudo que me cerca.

“Espero que tenha tido um excelente dia. Mas imaginando que não tenha sido nada fácil, preparei com carinho o seu prato favorito. A papela-da que estava espalhada na sala, deixei devidamente organizada no escritório, ao lado do computador. Tenha um bom descanso!”

O roteiro acima ilustra uma rotina que se repete na vida de muitos cidadãos. Afinal, sofreram, lutaram, enfrentaram dificuldades para vencer. Natural que fortaleçam a crença de autossuficiência a partir do que construíram. Tanto é verdade, que é co-

mum ouvirmos expressões do tipo: eu trabalho e não dependo de ninguém.

Mas o momento pelo qual passamos mostra como é essencial o papel do outro sobre minha vida. A certeza do “posso tudo” e não dependo de outrem, porque trabalho, pago minhas contas e vivo do meu suor, caiu por terra diante do caos trazido pela Covid-19.

Os capítulos escritos pela atual crise confirmam, dia após dia, o quanto somos dependentes uns dos outros. São milhões de profissionais cujos ofícios impactam diretamente na vida de um sem número de outros cidadãos e, conseqüentemente, no funcionamento da nação.

Quantas não são as pessoas que agem a nossa volta facilitando o nossa rotina? O porteiro do condomínio, o entregador, o carteiro, o lavador de carro, o atendente, o frentista do posto, o borracheiro, os agentes de segurança, o médico, o pedreiro, o garçom, o jardineiro, o caminhoneiro, o motorista, a diarista.

A verdade é que ninguém é autossuficiente. Existe um mundo além de mim – de você e de todos nós –, feito por pessoas que transformam a vida em uma cadeia de interdependência muito bem arquitetada para que as necessidades individuais sejam atendidas. Se uma peça falha, todo o mecanismo sofre as conseqüências.

Isso nos mostra o quão insuficientes somos. Cada peça, por mais aparentemente simples que seja seu ofício, é fundamental para o funcionamento da engrenagem da vida. Fica aí uma importante lição: existo pelo outro e ele por mim.

E o mundo que nos aguarda mais adiante tenha mais generosidade, solidariedade, compaixão e reconhecimento por todos aqueles que cooperam para tornar o mundo um lugar melhor para se viver e conviver.

Justiça & Cidadania

Antonio Carlos Lua acarloslua@folha.com.br



Um divisor de águas em nossas vidas

Vivemos um trauma coletivo que despedaça violentamente a nossa representação comum do mundo, com a dimensão angustiante do inesperado, do imprevisível, do ingovernável, num evento mundial traumático, que impossibilita qualquer forma de defesa, nos fazendo redescobrir que, além do individualismo, somos um conjunto e temos responsabilidades coletivas.

Ninguém poderia imaginar que o mundo poderia parar e a morte desenfrear-se. Ninguém estava preparado para uma emergência como a que estamos vivendo. Um divisor de águas foi cavado nas nossas vidas. Como será depois? Somos convidados, decididamente, a pensar no tempo do pós-trauma.

Embora fechados em nossas casas e petrificados pelo medo que restringe forçosamente o nosso horizonte de mundo, vamos olhar além, para responder de forma poderosa à lição do trauma do coronavírus, extraindo dessa inesperada potência negativa uma força nova e libertadora.

Afinal, as crises profundas sempre nos revelam uma oportunidade extraordinária de reinício, que na frente nos possibilitará gastar todo o tempo que resta das nossas vidas com apenas o essencial, eliminando o supérfluo e a utopia abstrata, para, assim, cultivarmos a potência vital do essencial.

Nada pode nos dar certeza de que o coronavírus não possa se tornar mais letal ou contagioso, embora estejam sendo feitos esforços para evitar isso pela comunidade científica que, mesmo com verbas públicas minguadas para pesquisas, pode ser a estrada mestra para nos reconectar com uma realidade em constante mudança.

Nada garante que quando as medidas de emergência expirarem a situação retorne à normalidade. Continua sendo vital fazer agora todo o possível para esmagar a curva de contágios, diluindo e distribuindo o impacto das pessoas severamente afetadas pelo vírus ao longo das semanas, para que nossos hospitais possam atender elas.

Em tempos de emergência sanitária, é essencial continuar a confiar nos números e acreditar na ciência, que tem o método para estudar o fenômeno do contágio e descobrir a cura e a vacina. Nesse sentido, o Brasil poderia organizar uma força-tarefa permanente para estar pronta a enfrentar emergências semelhantes no futuro, otimizando os procedimentos sanitários e aprimorando as tecnologias. Para isso, é necessário ouvir a ciência e os cientistas com senso de responsabilidade e seriedade, respeitando e adotando, com transparência, medidas drásticas, para evitar que a situação piore.

Após o trauma, o reinício deve ser audacioso para que a experiência negativa do coronavírus possa se converter em uma oportunidade afirmativa, inspirando a dimensão generativa das nossas escolhas futuras e assim nos livrar das insustentáveis práticas políticas que infectam a sociedade, com teorias da conspiração paranoicas e explosões de racismo. A orientação para quebrar a quarentena estão localizadas no extremo oposto do espectro de alternativas de combate ao Covid-19, ao levar em consideração apenas os aspectos econômicos nos cálculos voltados a estabelecer as políticas de saúde pública, mesmo que isso possa custar centenas de milhares de vidas.

Em uma era da mobilidade rápida, um posicionamento inadequado do Governo Federal na emergência de uma pandemia ameaça todos os brasileiros. O que precisamos é de uma liderança eficaz no topo, uma liderança que atenda à ciência, trabalhe de maneira colaborativa e foque

no bem comum, levando em consideração os diagnósticos e os pareceres médicos e científicos.

Enquanto as pessoas estão morrendo, o Governo Federal foge da sua obrigação ética de dar uma resposta robusta e objetiva diante da pandemia e passa a dirigir sua preocupação apenas para o golpe na economia, a recessão, a falta de crescimento do Produto Interno Bruto e coisas do tipo. Nesse aspecto, nada como um trágico banho de realidade para que alguns dogmatismos passem a ser abandonados por aqueles que os defendem ferrenhamente. Antes da eclosão da pandemia do coronavírus, o ministro da economia, Paulo Guedes, fazia uma narrativa demolidora dizendo que o Brasil estava quebrado e o que o Governo Federal não tinha recursos para mais nada.

O diagnóstico que prevalecia nas rodinhas dos dirigentes do sistema financeiro e na alta tecnocracia enclausurada nos órgãos da política econômica em Brasília se aproximava, na verdade, de uma chantagem, quando diziam se não fossem feitas as chamadas “reformas estruturais” o Brasil quebraria.

Na verdade, era a multiplicação de falácias e mentiras a respeito da real situação de nossa economia e de nossas contas orçamentárias, para pressionar o Congresso Nacional a ser mais dócil às propostas apresentadas pelo Executivo Federal, em sua cruzada a favor da destruição do Estado e de desmonte das políticas públicas.

Eis que agora com o coronavírus vem à tona a verdade para nos mostrar que nunca houve falta de recursos para o desenvolvimento de políticas sociais e para as necessidades de investimento em áreas essenciais e estratégicas. O mesmo Governo que dizia não ter recursos para a área social, gastou ao longo dos últimos 12 meses o valor de R\$ 382 bilhões na rubrica financeira, para o pagamento de juros da dívida. Para ser mais exato, desde que Paulo Guedes chegou na Esplanada, em janeiro de 2019, ele promoveu a transferência de R\$ 433 bilhões para o povo do outro lado do balcão, lugar onde está o dinheiro que os papagaios de pirata da banca governamental diziam que não existia.

Os recursos federais são administrados pelo Banco Central (BC). Ali estão registrados os valores disponíveis para sua utilização a qualquer momento e para todos os fins. Existe uma rubrica famosa no “financês” da Esplanada, que é a conhecida e poderosa Conta Única do Tesouro Nacional junto ao Banco Central. Essa conta, ao contrário das inverdades do discurso oficialista, sempre se apresentou de forma trilionária ao longo do período de austeridade assassina do ministro Paulo Guedes.

No momento atual, por exemplo, a dita rubrica apresenta um saldo credor de R\$ 1,3 trilhão para uso do Governo Federal. Ou seja, agora, para grande surpresa, o dinheiro apareceu. Aqueles mesmos recursos que boa parte dos “especialistas” vociferavam e asseguravam não existir está sendo utilizado pelo Governo, em seu tímido programa emergencial para combater a crise do coronavírus.

A verdade é que a equipe econômica do Governo Federal opõe todo o tipo de dificuldade para fazer o dinheiro chegar na ponta, nas mãos dos mais necessitados, comportamento oposto ao que ocorre quando se trata de oferecer centenas de bilhões de reais e outras benesses aos grandes bancos privados e outras instituições do sistema financeiro. Nesses casos, o dinheiro abunda e as facilidades são amplas, gerais e irrestritas.



Bom Dia Sociedade
Nossa conversa de todas as segundas-feiras
Orquídea Santos
orquideafsantos@yahoo.com.br

FEBRACOS

ABRAMECOM
Associação Brasileira de Colaboradores de Tribunais Estaduais

Acesse nossa página no FACEBOOK, ORQUÍDEA SANTOS NA TV, ou através do google (@orquideafsantos) e veja os vídeos que fizeram sucesso durante a semana.



Mesmo em trabalho remoto, novo relatório do Tribunal de Justiça do Maranhão divulgado no dia 26 de março, aponta no período de 20 a 25 de março, 17.527 tarefas realizadas pelo Processo Judicial eletrônico (PJe), além de 2.570 movimentações, 104 despachos, 28 decisões e 41 decisões monocráticas realizadas pelo sistema Themis SG. “Esse desempenho é fruto do esforço do Poder Judiciário do Maranhão, por meio de seus magistrados, servidores, colaboradores e demais operadores do Direito, para manter as atividades da Justiça estadual, apesar de todas as limitações impostas por uma pandemia que se propaga por quase todo o mundo, de forma rápida, restringindo os serviços prestados à população, provocando angústia e medo também aos brasileiros”, comentou o presidente do TJMA, desembargador Joaquim Figueiredo.